

## **Um Convite para não Esquecer: Uma Análise das Estratégias Discursivas Utilizadas pelos Atingidos no Acidente da Samarco, em Mariana (MG)**

**Georgiana Luna Batinga** (PUC Minas) - georgianaluna@yahoo.com.br

**Flávia Pereira Dias Menezes** (CEFET-MG) - flaviapdmenezes@gmail.com

### **Resumo:**

*Este estudo tem como objetivo fazer uma análise das estratégias discursivas utilizadas pelos moradores atingidos no acidente da Samarco, em Mariana (MG), registradas em quatro edições do jornal “A Sirene: para não esquecer”, ou simplesmente “A Sirene”. O jornal foi criado após o acidente, com o objetivo único de ceder espaço para os moradores atingidos pelo acidente e funciona como um espaço legitimador de autonomia e empoderamento de todos, através da livre circulação de informações e do fortalecimento das reivindicações das comunidades atingidas, que fortalece a mídia e o espaço contra hegemônico. As estratégias discursivas são analisadas à luz dos pressupostos teóricos da episteme da Análise do Discurso de linha francesa (AD), cuja abordagem que tem o objetivo de examinar as relações entre as práticas discursivas e o meio histórico-social no qual se originam. O corpus analisado materializa os discursos dessas pessoas, por meio de narrativas e depoimentos em relação às experiências vivenciadas no antes, no durante e no depois ao ocorrido, na elaboração de suas perdas, seus dramas pessoais, seus lutos, memórias e expectativas em relação ao futuro. Se o acidente e suas repercussões parecem perder força, este estudo faz um convite para não esquecer!*

**Palavras-chave:** *Acidente da Samarco, Atingidos, Mídia Contra Hegemônica, Heterogeneidade Discursiva.*

**Área temática:** *GT-16 “Da Lama ao Caos”: Reflexões sobre a Crise Socioambiental e as Relações Estado-Empresa- Sociedade*

## 1 Introdução

Contextualizando a discussão levantada por esse artigo, sua problemática insere-se no cenário do acidente ocorrido na tarde do dia 5 de novembro de 2015, o rompimento da barragem do Fundão, localizada na cidade histórica de Mariana (MG), responsável pelo lançamento de 34 milhões de m<sup>3</sup> de lama no meio ambiente, resultado da produção de minério de ferro extraído pela mineradora Samarco, empresa controlada pela Vale e pela britânica BHP Billiton. Seiscentos e sessenta e três quilômetros de rios e córregos foram atingidos; 1.469 hectares de vegetação comprometidos; 207 edificações foram soterradas no distrito de Bento Rodrigues, localizado próximo a Mariana. Foi considerada a maior catástrofe ambiental da história do país (BRASIL, 2015).

A enxurrada de rejeitos da mineração formou uma onda de lama que se espalhou pela região e, em questão de horas, chegou ao rio Doce, cuja bacia é a maior da região Sudeste do País, com uma área total de 82.646 quilômetros quadrados, equivalente a duas vezes o Estado do Rio de Janeiro. A lama avançou pelo rio e seus afluentes, chegando ao oceano dezesseis dias depois do acidente, no estado do Espírito Santo. Laudos técnicos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e da Agência Nacional das Águas (ANA), apontam que “o nível de impacto foi tão profundo e perverso, ao longo de diversos estratos ecológicos, que é impossível estimar um prazo de retorno da fauna ao local, visando o reequilíbrio das espécies na bacia” (BRASIL, 2015).

O maior desastre socioambiental do país, também fez um povoado inteiro desaparecer, 19 vítimas fatais, 14 trabalhadores terceirizados a serviço da Samarco e 8 moradores da região e deixou mais de 600 famílias desabrigadas, representadas por trabalhadores da Samarco e de terceirizadas, agricultores familiares e camponeses, pescadores artesanais, faiscadores, comunidades tradicionais, o povo indígena Krenak, trabalhadores e artesãos envolvidos com o turismo regional, entre outros. Essas famílias se viram obrigadas a abandonar suas moradias em Barra Longa, Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, distritos de Mariana. O prejuízo não pode ser resumido apenas em perdas materiais. Essas pessoas perderam seus laços culturais, sua noção de vizinhança, o pertencimento a uma história e a um ambiente que moldou seu modo de viver. Perderam seus bens, trabalho, registros, documentos e as recordações acumuladas no curso de suas vidas. Passaram a viver em condições provisórias e precárias, a elas impostas, afastadas de seu ambiente sociocultural e das condições necessárias para a sua reprodução social. Subtraídas em sua autonomia, vivem sob um sofrimento social imputado pela dependência em relação a empresas e às instituições (FIOCRUZ, 2016).

A despeito do drama que personaliza essa narrativa, é preciso lembrar que ela se insere em uma narrativa maior, qual seja, a atividade de mineração brasileira. É de conhecimento público que a atividade minerária representa uma importante fonte de recursos para o estado. Minas Gerais é considerado pelo Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) o estado mais importante para o setor. Ele representa 53% da produção do país e, das cem maiores minas, 40 estão em suas terras. Essa relação de Minas com a mineração é permeada de sentimentos de apropriação e de medo, e o caso do rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, uma das principais cidades produtoras de minério do Estado, mostra isso. A importante fonte de recursos também é uma importante fonte de dependência financeira, ficando assustadoramente evidente, quando, em meio ao caos e as perdas devastadoras do acidente, o prefeito da cidade, por diversas vezes disse em pronunciamentos públicos, que se a Samarco saísse de lá, Mariana pararia. Seus pronunciamentos foram seguidos de protestos em defesa da mineração que foram feitos para tentar preservar empregos e a economia local (O TEMPO, 2015).

A cobertura da grande mídia tem priorizado o prejuízo socioambiental, em detrimento das perdas sofridas pelas pessoas atingidas direta e indiretamente pelo acidente. Não que se deseje aqui, eleger uma hierarquia daquilo que seja mais ou menos importante. A questão é que o discurso hegemônico da grande mídia silenciou a voz dessas pessoas que foram relegadas a um lugar de esquecimento. A falta de imparcialidade da mídia hegemônica fere aos interesses dos grupos minoritários, representados pelas vítimas do acidente, que se organizam em movimentos sociais específicos de “atingidos pela mineração”, “atingidos pelas barragens” ou até “atingidos pela Vale”. Por que não se dá voz a essas pessoas? Por que os calam? Por que essa censura? Por que não existem reportagens ou matérias jornalísticas que evidenciam a situação das famílias atingidas?

Neste sentido, em meio a esse cenário, surge o movimento “Um Minuto de Sirene” que, dentre outras ações em prol do fortalecimento dos movimentos dos atingidos, institui um veículo de comunicação, o jornal “A Sirene: para não esquecer”, como um espaço midiático contra hegemônico, cuja finalidade é ouvir essas pessoas e materializar suas narrativas e depoimentos, outorgando-lhes voz, criando um espaço legitimador de autonomia e empoderamento de todos, através da livre circulação de informações e do fortalecimento das reivindicações das comunidades atingidas. Tão importante o fato, esse estudo elege como objetivo, fazer uma análise das estratégias discursivas utilizadas pelos moradores atingidos pelo acidente, registradas nas quatro edições do jornal publicadas até esta data, em relação às experiências vivenciadas no antes, no durante e no depois do desastre, na elaboração de suas perdas, seus dramas, seus lutos, organização de mobilizações, suas memórias e expectativas para o futuro. A importância de se manter o registro se dá em função de que o acidente não pode ser soterrado e cair no esquecimento, afinal, ele não ficou no passado, mas encontra-se no presente, como relatado por uma atingida: “o acidente não aconteceu, está acontecendo”.

Para realizar a análise, recorre-se a autores da Análise do Discurso (AD) francesa, a saber, o contrato comunicacional de Charaudeau e a heterogeneidade mostrada do discurso de Authier-Revuz, sob a égide de um espaço midiático contra hegemônico, constituído especificamente para dar voz aos atingidos e registrar suas narrativas.

## **2 Referencial Teórico**

### **2.1 *Corpus* de análise: o jornal “A Sirene: para não esquecer”**

Produzido com o objetivo de dar voz aos atingidos do rompimento da barragem, o jornal impresso, com acesso na versão digital, “A Sirene – Para não esquecer”, de periodicidade mensal, começou a ser veiculado a partir de fevereiro de 2016. Trata-se de um jornal que contempla falas dos atingidos e reporta assuntos como a presença da mídia na cobertura do acontecimento, a perda de bens materiais e de parentes, as expectativas de vida pós acidente, os direitos dos atingidos, agenda de mobilização, o que a Samarco está fazendo por eles, entre outros assuntos.

Coincidência ou não, a primeira edição do jornal foi publicada no mesmo mês em que a empresa de mineração Samarco divulgou, em rede nacional, na televisão aberta brasileira, o vídeo institucional no qual testemunhos individuais de funcionários da empresa mostram as ações e o empenho da empresa em ajudar as pessoas que foram atingidas pelo rompimento da barragem, assumindo as responsabilidades e afirmando honrar os compromissos com a sociedade.

A nomeação “A Sirene” refere-se ao instrumento de alerta sonoro presente em áreas onde há moradores próximos a barragens de rejeito. O uso de sirenes é obrigatório

para alertar comunidades vizinhas em casos de emergência e desastre. No caso do desastre em Mariana, a sirene não foi tocada e estima-se que pelo menos parte das mortes e desaparecimentos poderia ter sido evitada pelo acionamento dos alarmes sonoros. Não querendo silenciar nesse momento de grandes perdas, os moradores se mobilizaram e criaram #Um minuto de Sirene e a partir do grupo, produziram o jornal como forma de materializar os discursos dos atingidos e para que a história não se perca.

A iniciativa nasceu, portanto, da união entre atingidos e os grupos de apoio #Um minuto de Sirene, Arquidiocese de Mariana e Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto (ICSA/UFOP). Com tiragem de dois mil exemplares cada edição, o projeto se propõe unir e informar as pessoas e famílias, fazendo, assim, circular informação de interesse para o público atingido, preservar a memória, e consequentemente, fortalecer a luta pelos direitos.

Essa primeira edição foi construída na expectativa de contribuir para a autonomia e o empoderamento de todos, através da livre circulação de informações e do fortalecimento das reivindicações das comunidades atingidas. A Sirene é um jornal feito pelos atingidos para os atingidos. Mais uma ferramenta de apoio para que a comunicação e a preservação das suas memórias se tornem seus patrimônios. Um convite a todos para não esquecer. (A SIRENE, edição 0, p.2)

A composição visual do jornal “A Sirene” apresenta similaridade com a de um jornal de referência da comunicação de massa, como a presença de fotografia, texto, títulos, entre outros; porém nas questões que envolvem os modelos de jornalismo, como o informativo, o interpretativo e o opinativo, há a predominância do opinativo. Existem editoriais que fogem do padrão jornalístico e, na maioria das vezes, a almejada objetividade jornalística (não na acepção de neutralidade e imparcialidade) não é contemplada. E talvez seja essa mesma a intenção do próprio do jornal, ou seja, fugir das regras impostas pela grande mídia e conduzir um jornal que aproxime e “fale a mesma língua” dos atingidos com o qual se identifiquem.

Além da presença de gêneros jornalísticos, como editorial, entrevistas, notícias e reportagens, há seções que exploram outras estruturas textuais como poesias, desenhos, cronograma, resumo de atas de reuniões e agenda. Na maioria dos textos presentes no jornal, foram utilizadas as aspas sem a presença do jornalista na condução das falas, ou seja, prevaleceu o discurso direto sem entremeios.

Em todas as edições, como estrutura fixa, há o Editorial e as seções “A gente explica” e “Agenda”, mesmo que na primeira edição a nomeação para esta editoria tenha ficado “Que horas é a reunião?”. Pertencente ao gênero opinativo, o editorial é o espaço de excelência para que manifeste, de forma explícita, a opinião dos donos do jornal. A abordagem dos assuntos reflete, com clareza, a opinião do jornal. A própria definição dos assuntos que compõem o jornal já demonstra a opinião da empresa. A seção “A gente explica” é conduzida com a utilização de termos e expressões que de alguma forma têm ligação com a situação dos atingidos. Similar à disposição de um dicionário, há a citação de uma palavra e logo em seguida a explicação do significado daquela. Amor, agronegócio, direto, identidade, indenização, acordo, processo, casa, saudade são algumas palavras utilizadas.

“Um jornal feito com e para eles”. Assim “A Sirene” se apresenta e busca tornar público as condições físicas e emocionais dos atingidos, questionam a atuação e ações da empresa Samarco, reivindicam a punição dos responsáveis, resgatam a história dos moradores dos distritos, a vida tranquila que tinham antes do acontecimento, a amizade entre os moradores dos distritos atingidos, e trazem especialista na área jurídica para

explicar os direitos. A noção de contrato proposto por Charaudeau (2010), dentro do escopo da Semiolinguística, é fundamental para compreender os aspectos situacionais e discursivos referentes ao *corpus*. Os interlocutores do discurso estão envolvidos em um contrato, sendo que aqueles se reconhecem mutuamente como parceiros de comunicação e estes são movidos por intenções.

Toda situação de comunicação depende de um contrato constituído por componentes que concebem o circuito situacional, em que estão definidas as identidades dos interlocutores, a finalidade da situação de comunicação, propósito temático e suporte no qual a interação se realiza; e por estratégias discursivas empenhadas de cada interlocutor constitutivas do circuito linguístico que representam as condições que o sujeito comunicante possui para as suas escolhas discursivas que produzirão efeitos específicos em seu destinatário. Na interdependência desses dois circuitos que o ato de comunicação revela sua intencionalidade e significância.

Os pressupostos inerentes a uma relação contratual são a legitimidade e credibilidade. A legitimidade se constitui a partir da posição que o sujeito ocupa nas situações de interação através de sua identidade social; e a credibilidade, estabelecida na própria enunciação, está na capacidade do sujeito de se instaurar como autoridade através do discurso. Os objetivos comunicativos que predominam no jornal são informação e opinião, pois são elas que traduzem a perspectiva desse contrato de comunicação.

A intencionalidade psicossociodiscursiva que determina a expectativa do ato de linguagem do sujeito falante e da própria troca linguageira é denominada por Charaudeau de visadas. Elas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal. Mas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção, sendo necessário que o locutor e o interlocutor possam recorrer a elas.

Como “A Sirene” tem a intenção de transmitir um saber sobre os fazeres dos atingidos a quem se presume não possuí-lo e provocar no interlocutor um estado de emocional agradável, as visadas predominantes são as de informação e de *páthos*. Na visada informativa, o Eu quer “fazer saber”, sendo que aquele está legitimado em sua posição de saber; e o Tu se encontra na posição de “dever saber” alguma coisa sobre a existência dos fatos ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento. Na visada do *páthos*, o Eu quer “fazer sentir”. A finalidade da comunicação midiática proposta pelos atingidos é disseminar pontos de vistas dos atingidos e levar conhecimento às pessoas.

O discurso informativo, segundo Charaudeau (2013, p. 63), tem relação estreita com os imaginários do saber e do poder. “Informar é possuir um saber que o outro ignora (‘saber’), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (‘poder dizer’), ser legitimado nessa atividade de transmissão (‘poder de dizer’)”.

Uma das funções do jornalismo é permitir que o cidadão receba informações através de uma produção jornalística que atenda ao interesse público e à demanda social, mesmo porque, o fluxo de informações é decisório para o exercício da cidadania e imprescindível instrumento democrático. E o entendimento dos acontecimentos passa pela decodificação que o receptor faz, partindo do seu universo de significação que é extremamente heterogêneo, sendo influenciado por diferenças de educação, classe social, renda, entre outros.

## **2.2 O jornal “A sirene: para não esquecer” como um espaço midiático contra hegemônico de empoderamento**

Analisando-se seus objetivos e motivações, é possível considerar o jornal “A Sirene” como uma agência alternativa de comunicação, pois se enquadra na definição de

Moraes (2013), que compreende a agência alternativa como “o espaço que rejeita os controles ideológicos da mídia convencional, recorrem à ambiência descentralizada e interativa para renovar sistêmicas de produção, difusão e circulação social de informações, em moldes colaborativos e não lucrativos”. Além disso, “difundem conteúdos de contestação às formas de dominação impostas por classes e instituições hegemônicas, ao mesmo tempo em que priorizam temáticas relacionadas aos direitos da cidadania e à justiça social”. (MORAES, 2013, p. 103). Na opinião do autor, pelo menos dois princípios devem reger uma proposta midiática que se insere no discurso contra hegemônico: i) a exploração dos espaços pela ambiência descentralizada, com dinâmicas mais participativas e menos mercantilizadas e ii) a responsabilidade que assumem com a causa da democracia, do conhecimento e da informação (MORAES, 2013, p. 121).

Na perspectiva de Gramsci, a imprensa, o jornalismo e os jornalistas “são agentes históricos essenciais no direcionamento da opinião pública, interferindo nos processos de conservação ou modificação das formas de hegemonia político-culturais”. A modificação das formas hegemônicas, só pode ocorrer por meio de projetos jornalísticos alternativos, comprometidos com ações contra hegemônicas. Ações contra hegemônicas são compreendidas pelo filósofo italiano como “instrumentos para criar uma nova forma ético-política, cujo alicerce programático é o de denunciar e tentar superar as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista” (MORAES, 2013, p. 105-106).

Neste sentido, o objetivo da mídia alternativa é o de reivindicar, “o pluralismo e o valor das histórias e culturas e motivar-nos à reflexão sobre o mundo vivido”. É, antes de tudo, “explorar as “brechas” e “contradições” dentro da mídia hegemônica”; rejeitar a mercantilização da notícia e da informação; oferecer alternativas até então silenciadas ou indisponíveis pelos canais de comunicação controlados por um pequeno número de organizações de notícias. Trata-se de um jornalismo que leva em conta diferentes contextos e circunstâncias histórico-sociais, bem como a diversidade de pontos de vista (MORAES, 2013, p. 106 - 107).

As propostas editoriais devem se comprometer com valores e pautas que valorizam a exploração de espaços proporcionados pela ambiência descentralizada; baixos custos de difusão; notícias dinâmicas, mais participativas e não mercantilizadas; assumem a causa da democratização da informação e do conhecimento; alinhamentos: política; direitos humanos, meio ambiente, habitação, reforma agrária, assuntos sindicais, trabalhistas, etnias, gêneros, etc. boa parte atua em prol de causas específicas, sob o lema: “todos podemos romper o cerco midiático” (MORAES, 2013).

O jornal “A Sirene” surge como esse espaço que elege a voz dos moradores atingidos no desastre da Samarco, rompendo o cerco midiático, a manipulação de informações e o silenciamento da real situação, consolidando um espaço autônomo de informação e difusão contra hegemônica, no qual se articulam valores que se colocam contra o jornalismo mercantilizado das grandes empresas: transparência; pluralismo e verdade. Para Castells (2009, p. 449), “os meios de comunicação alternativos estão no centro das ações dos movimentos sociais alternativos”, e funcionam como “plataformas que favorecem a circulação social de ideias e visões de mundo, de acordo com seus interesses e prismas de análises” (MORAES, 2013, p. 138).

Com a finalidade também de adentrar no conteúdo discursivo materializado no jornal, este estudo recorre a discussão da pluralidade presente na linguagem e na heterogeneidade de Authier-Revuz para analisar as narrativas e depoimentos dos atingidos, registrados nas quatro edições do jornal. O próximo tópico se dedica a apresentar essa abordagem teórica que orientará a análise.

### 2.3 A heterogeneidade constitutiva e mostrada

Apesar da pluralidade de perspectivas que se referem ao funcionamento da linguagem dentro das complexas situações de comunicação, a análise do discurso é um instrumento capaz de auxiliar na interpretação dos efeitos de sentidos presentes nos enunciados e desvendar as relações entre o material analisado e o contexto social que o gerou. O artigo vincula-se a uma abordagem que tem o objetivo de examinar as relações entre as práticas discursivas e o meio histórico-social no qual se originam.

Authier-Revuz (2004) aborda a heterogeneidade mostrada e constitutiva do discurso, como uma importante teoria para identificar o agenciamento de vozes nos textos em questão. Fundamentada pelo dialogismo de Bakhtin e na psicanálise marcada por Lacan, o discurso na heterogeneidade constitutiva se estabelece independente de qualquer traço de citação. Os discursos se misturam de forma implícita, sendo que a autora os define como um jogo de fronteiras e de interferência. No caso da heterogeneidade mostrada, há a presença do outro no fio do discurso de forma explicitada. Existem formas não marcadas dessa heterogeneidade e formas marcadas ou explícitas.

O coenunciador identifica as formas não marcadas (discurso indireto livre, alusões, ironia, pastiche...) combinando em proporções variáveis a seleção de índices textuais ou paratextuais diversos e a ativação de sua cultura pessoal. As formas marcadas, ao contrário, são assinaladas de maneira unívoca; pode tratar-se de discurso direto ou indireto, de aspas, mas também de glosas que indicam uma não-coincidência do enunciador com o que ele diz (modalização autonímica) (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2014, p.261)

O discurso relatado é representado, portanto, pelo discurso direto, indireto, indireto livre e também pela “modalização do discurso em discurso segundo”, conforme destaca Authier-Revuz (2004). O discurso relatado, para a análise do discurso, refere-se em ocultar-se por trás do dizer do outro ou ainda, sugerir o que pensa, sem se responsabilizar pelo dito.

Aí reside toda a ambiguidade do distanciamento: o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a ‘autoridade’ que protege a asserção. Pode-se tanto dizer ‘o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo’, quanto o contrário (MAINGUENEAU (1997, p.86)

Todas as manifestações do discurso relatado trazem para o plano do enunciado um outro ato de enunciação.

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004 , p. 69)

Ampliando a visão bakhtiniana, a autora afirma que as formas sintáticas também determinam a demarcação do “outro” nos discursos, haja vista que

No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as

próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

A importância de se recorrer ao trabalho de Authier-Revuz para este estudo, se dá pela importância e consistência teórica de sua proposta, cujo valor se expressa, dentre outros, em compreender que a linguagem transforma o lugar de compreensão do sujeito, ao considerar-se a relação desta com sua própria exterioridade. Ao expressar-se, o sujeito utiliza-se de estratégias discursivas que remetem a representações sociais estabelecidas entre os interlocutores, construídas no interior de seus próprios discursos (AUTHIER-REVUZ, 2004; KADER, 2012).

### **3 Metodologia**

Neste estudo, adotou-se a pesquisa qualitativa do tipo exploratória, com uma abordagem interpretativista (Vergara & Caldas, 2005; Morgan, 2007). Como estratégia de coleta de dados recorreu-se a pesquisa documental que permite “a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros” (Cellard, 2008, p. 295), por meio da análise de documentos como fontes de pesquisa, sejam estes escritos ou não. Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador (Figueiredo, 2007).

O corpus de análise é formado por quatro edições do jornal *A Sirene* publicadas neste ano de 2016, disponíveis em meio impresso e eletrônico. A *Sirene* edição zero (fevereiro), edição um (março), edição dois (abril), edição três (junho). O conteúdo das edições foi analisado de capa a capa, desde o editorial, projeto gráfico, fotografias, textos, títulos, entre outros, conforme já descrito amplamente no referencial teórico, até se chegar a organização de quatro categorias temáticas que expressam a relevância, consistência e temporalidade dos discursos analisados.

Para chegar-se aos fins deste estudo, utilizou-se dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso francesa, iniciada por Michel Pêcheux (1969), que considera não somente sobre a linguagem, mas também sobre a ideologia, e, sobretudo, das relações possíveis, entre essas instâncias. Inserido na AD francesa, elege-se os pressupostos teóricos de Authier-Revuz, a partir das noções de dialogismo de Bakhtin e da abordagem psicanalítica do sujeito, por meio do conceito de heterogeneidade constitutiva e de discurso. A opção por utilizar as marcas de heterogeneidade mostrada da autora, contribui na análise proposta neste estudo, pois sinaliza o lugar de onde vem esse ‘dizer’, o compartilhar das palavras e os sentidos construídos dialogicamente. É preciso reconhecer e subtrair do texto, as marcas que apontam para a “caracterização do sujeito e do discurso na constituição de sua heterogeneidade, concebendo a presença do Outro/outro e reconhecendo a presença de vozes no processo de enunciação” (KADER, 2012, p. 7).

É muito importante destacar que, por se tratar de uma abordagem teórico-metodológica, não há necessariamente uma separação marcante entre os tópicos referencial teórico, metodologia e análise dos dados. O referencial teórico se confunde com a própria análise discursiva adotada no estudo, como pode ser visto no capítulo dedicado a este.



## 4 Análise dos discursos

A análise de quatro exemplares se detém principalmente nas falas dos atingidos. No jornal, há fortes ocorrências do discurso relatado, principalmente do discurso direto pelo uso de aspas. Para facilitar a análise, subdividimos os enunciados em quatro categorias de acordo com as seguintes temáticas: crítica à mídia; críticas à empresa Samarco; memória do lugar onde viviam e perda; e mobilização e expectativas.

Na categoria “Análise da mídia: ‘Celebidades da desgraça’”, busca-se analisar a posição, a opinião dos atingidos com relação à atuação da mídia na cobertura do acontecimento. A categoria “Críticas à Samarco” pretende-se reunir as falas que demonstram insatisfação com o andamento das ações da Samarco, já a categoria “Recordações da tragédia e de onde moravam” busca analisar o resgate da memória dos atingidos, a dor da perda e o espírito de solidariedade. Por fim, a categoria “Mobilização e Expectativas” que aborda as ações das vítimas e o que buscam/querem daqui em diante.

### Análise da mídia: “Celebidades da desgraça”

1. “Estavam fazendo o trabalho deles”
2. “No céu, outra tempestade, só que de helicópteros da Globo, SBT, Record. Nenhum nos ajudou”
3. “Estou com birra de jornalista”
4. “Por que nos fazem perder tempo, reviver coisas tão dolorosas se já sabem as respostas que querem?”
5. “Surpresa, desconforto, gratidão e medo de jornalista”
6. “Eles só publicam o que querem”
7. “Se não levarem a notícia do jeito que foram mandados, perdem o emprego”
8. “O que incomoda é ser celebridade da desgraça”
9. “Quem devia ter chegado tão rápido quanto eles eram os bombeiros, que demoraram e desistiram das buscas por volta das dez da noite”
10. “Eles têm muito poder, que prejudica e às vezes ajuda”

Com o título “Ser celebridade da desgraça”, a primeira edição do jornal explorou a relação mídia/jornalistas e atingidos. Como se percebe nos trechos acima, todas as vozes apresentadas pelos enunciados estão em discurso relatado e com a utilização das aspas. Nos excertos 2, 3, 4, 6 e 8, os atingidos demonstram receio, resistência e ao mesmo tempo críticas ao trabalho de jornalistas e à mídia. Nos excertos 5 e 10, eles reconhecem o poder da mídia, mas ao mesmo tempo fazem críticas à conduta do jornalista. Já nos excertos 1 e 7, há o reconhecimento do trabalho desempenhado pelos profissionais.

Percebe-se que o jornal busca, por meio da adesão dos dizeres dos atingidos, legitimar que a grande mídia prejudica e utiliza de seus artifícios para mostrar o sofrimento das pessoas para se alcançar audiência, mas ao mesmo tempo destaca a importância de seu papel na sociedade. Como observado no enunciado 9, há um descrédito do atingido em relação à eficiência de um órgão do governo (bombeiro) quando ele expressa que os jornalistas chegaram antes até mesmo de uma instituição que poderia ajudá-los e que tem a missão de “salvar vidas”.

O uso de aspas indica, para Authier-Revuz, uma ausência, um vazio a ser preenchido interpretativamente. Ao colocar palavras entre aspas, de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2014), o enunciador quer chamar a atenção do receptor, dar ênfase sobre o fato da escolha das palavras que ele emprega de maneira precisa, ao colocá-las entre aspas.

Na segunda edição, na editoria “Hoje o repórter sou eu!”, o jornal fez o inverso e entrevistou dois repórteres: Daniel Camargos, do jornal Estado de Minas e Roberto Verona, da Rádio Mariana. Em uma das falas, o repórter Daniel diz: “O papel do jornalista não é ter opinião. Não podemos assumir o papel de juiz. Claro que tenho a minha opinião, mas ela não pode ir para o papel. O nosso trabalho é contar as histórias. Não pensem que fazer esse trabalho não é chato para a gente. Somos humanos também, a gente sofre”.

A voz do jornalista, neste enunciado, corrobora com a visão de alguns atingidos sobre a grande mídia no que diz respeito ao trabalho do jornalista que é o de contar as histórias e ao mesmo tempo confronta com as falas de alguns atingidos que achavam que o jornalista deveria salvar vidas. A proposta foi desmistificar a função do profissional.

### **Críticas à Samarco**

1. Cobramos da empresa o início do pagamento das OTRs (Ocupação Trabalho e Renda) para as famílias que possuem mais de um contribuinte para a renda familiar. O compromisso de pagar um salário mínimo para cada contribuinte foi proposto pela própria empresa em janeiro, mas ainda não foi iniciado (a empresa se recusou a marcar um prazo para o início do pagamento).
2. Cobramos da empresa o atraso no pagamento dos aluguéis de algumas casas (falaram em problema de documentação de alguns imóveis) e a montagem do escritório da comissão solicitada em reunião anterior (prometeram para o dia 08/03).
3. Cobramos a marcação de um prazo para início das negociações com quem não quer ser reassentado nas novas comunidades e que indenização pelos prejuízos causados pelo rompimento da barragem (a empresa alegou que ainda não tem como marcar tal prazo, pois depende da finalização do acordo com a União).
4. Reclamamos de problemas no funcionamento do cartão fornecido pela empresa, que não está permitindo saques.

Percebe-se que em todos os quatro enunciados, há avaliações negativas das ações da Samarco e sinalizam que os direitos prometidos pela empresa não foram garantidos. O

Os enunciados, em discurso direto, trazem críticas na condução do trabalho da empresa que, na visão dos atingidos, não está cumprindo com suas responsabilidades. É importante frisar que todas as ocorrências se iniciam em primeira pessoa do plural (nós), reforçando a noção de união dos atingidos e também de que não é apenas um caso esporádico ou singular de não recebimento de um benefício, mas a situação de abandono por parte da Samarco é geral, com todas as vítimas. Percebe-se que os prazos estipulados e os compromissos assegurados pela empresa são colocados em xeque pelos atingidos.

Nos enunciados 1, 2 e 4, frisa-se o não pagamento da Samarco aos atingidos, sugerindo, portanto, a falta de compromisso e responsabilidades aos reparos da empresa com as vítimas. No enunciado 3, está explícito que os atingidos reivindicam seus direitos, a indenização pelos danos e não querem se silenciar neste momento. As vozes do discurso mostram que os atingidos estão mobilizados e estão atentos aos prazos.

### **Recordações da tragédia e de onde moravam**

1. "Oi, pai! Quanta saudade! Estou te escrevendo para te contar o que aconteceu depois daquele 5 de novembro de 2015. A nossa vida nunca mais foi a mesma. Eu, a minha mãe e a minha irmã tivemos que reaprender a viver; tomar atitudes que era você quem sempre tomava. Começamos a crescer na marra e a entender o sentido da saudade". Sandra

2. “Quando chegou perto do portão da igreja, a caminhonete não podia subir mais. Carreguei minha avó e levei até perto do barranco, mas não consegui subir. Uns caras ajudaram. Ajudei a salvar outra idosa. Pedi o Wilson para ajudar. Ele cansou. Carreguei até o meio do mato, e aí o Jonas me ajudou” Pablo
3. “Toda vida morei na roça, nunca gostei da cidade. Tive todos os meus filhos em casa, nunca fui ao hospital. Nunca tive problema. Eu dançava no resguardo. Criar filho na roça era com muita dificuldade. Tinha que trabalhar na roça, roçando, capinado, plantando. Quando meus filhos estavam solteiros, ficava tudo perto de mim. Nunca me largaram. Criei todos eles sem discussão um com o outro. Adoro meus filhos. Tenho ciúme deles. Hoje, sinto falta da minha cama. Perdi todas as camas”. Mônica do Santos, 30 anos, ativista pelos direitos das comunidades, atingida do Bento.
4. “Lá no Bento era assim: a gente ficava amigo a semana inteira, trabalhando, não sei o que. Aí no final de semana a gente brigava com todo mundo: brigava no futebol, brigava no truco, qualquer coisa. Aí na segunda-feira voltava a conversar. Era tipo irmão mesmo”.

Saudade dos que morreram no desastre, desespero no dia do acontecimento, lembranças boas da convivência com os vizinhos. Essas são as recordações dos atingidos e os textos jornalísticos e as imagens divulgadas pelo jornal são a materialização discursiva por estarem difundidos e por promoverem trocas sociais por meio da linguagem instaurando vínculos e produzindo efeitos. Utilizando as narrativas de vida dos atingidos, o jornal procura manter uma linguagem acessível para os próprios atingidos e a escolha do discurso direto, as aspas, permite reforçar a presença do outro no discurso e que o interlocutor se identifique com as falas, pois foram utilizados artifícios que remetem à vida simples, pacata, de amizades, do trabalho na roça que é do domínio comum dos leitores que o jornal tem como público-alvo. No enunciado 1, reforçou-se a dificuldade encontrada com a perda de um pai no seio familiar. No 2, as dificuldades e o desespero na tentativa de salvar as pessoas no dia do desastre. Nos enunciados 3 e 4, a vida que tinham antes do acidente é lembrada e os detalhes são postos em cena, havendo forte presença do *páthos* no discurso.

### **Mobilização e Expectativas**

1. “Aqui na rua, ninguém teve preconceito não, todo mundo trata a gente bem, né, Dona Maria? O preconceito vem de quem não conhece e não quer conhecer nem a gente nem nossos problemas. Dizer que somos vagabundos porque estamos brigando e conquistando direitos e recebendo a solidariedade – que é da maioria – é desconhecer o que somos e o que temos passado. Só quero o que é meu por direito. Não quero mais nada além disso”. Marinalva
2. “A maioria tem o mesmo objetivo: viver num cantinho, sossegado, na rocinha lá, com os mesmos vizinhos, todo mundo unido, do mesmo jeito. Pra você ver como que a gente sente falta um do outro. Isso mostrou que, querendo ou não, a gente gostava um do outro e não percebia. A gente não percebia como que a gente gostava do Bento”.
3. “Queremos a sede da Associação no novo Bento do jeitinho que ela era, nada mais. Com o espaço para plantar, para processar a pimenta e para produzir a geleia. Vamos continuar a lutar”, Rosângela

Nessa categoria, voltada para os aspectos que envolvem a mobilização e expectativas dos atingidos, os locutores defendem a ideia de que querem apenas o que

lhes foi retirado abruptamente. Os enunciados sustentam um discurso de tradição, de origem. Há um resgate da memória de que onde moravam que era bom e querem exatamente o que tinham, nem mais nem menos.

As premissas da argumentação utilizadas pelo jornal tratam de valores como mobilização, poder da união, espírito democrático e companheirismo. Na expressão “Pra você ver como que a gente sente falta um do outro”, nota-se a intenção do jornal em reforçar a liberdade de pensamentos e de expressão dos atingidos por meio do veículo de comunicação, fazendo parecer que eles estão dialogando diretamente com seus interlocutores como se estivessem em uma conversa informal. Após o acidente, os moradores de Bento se perceberam como amigos, conforme assinala o locutor 2. Ao que parece, com esse depoimento, que os laços afetivos entre moradores foram estreitados depois do acidente.

#### 4 Considerações finais

Este estudo elegeu, dentro do cenário do acidente da Samarco, ocorrido na cidade de Mariana (MG) em 05 de novembro de 2015, realizar uma análise das estratégias discursivas elaboradas pelos atingidos, materializadas em quatro edições do jornal “A Sirene – para não esquecer”, ou simplesmente “A Sirene”, um espaço midiático contra hegemônico, criado para este fim.

Apesar de ter sido amplamente noticiado pela mídia local e internacional, a maior tragédia socioambiental brasileira já começa a ser soterrada pela mídia. Ignoram-se os conflitos de interesses entre os diversos atores, minimizam-se as contradições das falas e depoimentos e assimilam-se com mais intensidade as atuações dos personagens majoritários envolvidos nesse cenário, quais sejam: executivos da empresa Samarco, autoridades dos governos municipal, estadual e nacional, políticos, representantes das agências reguladoras e responsáveis pelas questões ambientais, entre outros, cujos discursos são regidos por advérbios esvaziados e pronomes totalizantes como: “lamentavelmente”, “imediatamente”, “absolutamente todos os esforços” em relação ao “ocorrido”, “todas as ações”, “todos os esforços”, “igualmente não medindo esforços”, “todo apoio”, “toda solidariedade”, “lamentamos profundamente” o “acontecido”(CASTILHO, 2015).

O jornal surge como esse espaço que elege a voz dos moradores atingidos no acidente da Samarco, rompendo o cerco midiático, a manipulação de informações e o silenciamento da real situação, consolidando um espaço autônomo de informação e difusão contra hegemônica, no qual se articulam valores que se colocam contra o jornalismo mercantilizado das grandes empresas: transparência; pluralismo e verdade. O espaço oportuniza aos moradores livre expressão de seus dramas pessoais, suas lutas, conquistas, memórias, indignações e expectativas em relação ao futuro. Ao promover essa liberdade de expressão, o jornal resgata “os imaginários engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, que se organizam em sistemas de pensamento coerentemente criados de valores, representam o papel de justificativa da ação social e se depositam na memória coletiva” (CHARAUDEAU, 2007, p. 54).

As categorias que emergiram do *corpus* analisado apontam para a intensa relação que se estabelece entre os recursos linguísticos utilizados, o meio histórico-social no qual se originam e o espaço midiático onde foram registrados. É possível afirmar, com base em Charaudeau (2007), que os imaginários sociodiscursivos aqui analisados, representam um modo de apreensão da “realidade” com a qual essas pessoas estão assimilando e aprendendo a conviver. Recorre-se a mecanismos das representações sociais, construindo

uma simbolização do real por meio da ordem afetivo-racional atravessada pela intersubjetividade das relações humanas e se depositando na memória coletiva.

As vozes mobilizadas dos atores sociais são conduzidas e legitimadas pelo jornal “A Sirene” pelo uso de aspas no fio do discurso. As aspas têm um significado fundamental nos textos jornalísticos, pois elas demarcam as falas, sendo àquelas exatamente como foram ditas pelos atingidos, além de restabelecer os pontos de vista do locutor citado. O modo de citação do jornal, na maioria das vezes, aparece de modo direto, reproduzindo o dito dos atingidos, o que reforça a ideia de que o espaço é totalmente deles e voltado para eles. Passados apenas sete meses da tragédia, já é possível se observar em cada discurso o cansaço de reuniões intermináveis, a ansiedade pela reconstrução de suas casas e retorno ao seu aconchego, a insegurança quanto às indenizações a que têm direito, o medo de não serem reparados de forma justa e tantos outros sentimentos que não se consegue descrever. Se o acidente e suas repercussões parecem perder força, este estudo faz um convite para não esquecer!

### Referências:

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BRASIL, Portal (2015). *Entenda o acidente de Mariana e suas consequências para o meio ambiente*. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2015/12/entenda-o-acidente-de-mariana-e-suas-consequencias-para-o-meio-ambiente>. Acesso em 10/07/2016.

CASTELLS, Manuel. *Comunicacion y poder*. Madri: Alianza Editorial, 2009.

CASTILHO, Alceu. *A lama da Samarco e o jornalismo que não dá nome aos bois*. Disponível em <http://outraspalavras.net/alceucastilho/2015/11/09/a-lama-da-samarco-e-o-jornalismo-que-nao-da-nome-aos-bois/>, 2015. Acesso em 14/07/2016.

CELLARD, A. *A análise documental*. In: Poupart, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo (SP): Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. *Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual*. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). Gêneros reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/UFMG, 2004. p. 32-51.

CHARAUDEAU, Patrick. *Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux*. In: BOYER, Henri. Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène. Langue(s), discourse. Vol. 4. Paris: Harmattan, 2007, p. 49-63.

CORTEZ, Suzana Leite. *A representação de pontos de vista no artigo científico*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 2 - p. 177-196 - jul./dez. 2012.

FIGUEIREDO, N.M.A. *Método e metodologia na pesquisa científica*. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2007.

FIOCRUZ, (2016). *Fiocruz e outras entidades divulgam manifesto em apoio às vítimas da tragédia provocada pela Samarco*. Disponível em <http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/blog/fiocruz-e-mais-20-entidades-divulgam-manifesto-em-apoio-as-vitimas-da-tragedia-provocada-pela-samarco/>. Acesso em 10/07/2016.

KADER, Cárta Callegaro Corrêa. A heterogeneidade enunciativa: um entrelugar. Anais do IX Seminário de Pesquisas em Educação da Região Sul (IX ANPED SUL 2012). Caxias do Sul, RS, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas, SP, Pontes/Ed. Unicamp, 1997.

MORAES, Dênis. *Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina*. In: Moraes, D.; Ramonet, I.; Serrano, P. (orgs.) *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo, p. 103-144, 2013.

MORGAN, G. *Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações*. In: Caldas, M. P. & Bertero, C. O. (coord.) *Teoria das organizações*. São Paulo: Atlas, p. 12-33, 2007.

O TEMPO. *Minas Gerais vira 'refém' da mineração em relação perigosa*. Disponível em <http://www.otempo.com.br/cidades/minas-gerais-vira-ref%C3%A9m-da-minera%C3%A7%C3%A3o-em-rela%C3%A7%C3%A3o-perigosa-1.1185431>. Acesso em 14/07/2016.

PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas. In: GADET, F. & HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

VERGARA, S. C.; CALDAS, M. P. Paradigma Interpretativista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. *Revista de Administração de Empresas*, v. 45, n. 4, p. 53-57, 2005.